



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	'Casa' ou 'caça'? Efeitos da duração do vozeamento da fricativa na percepção de pares mínimos do Português Brasileiro produzidos por hispânicos
Autor	LEONARDO CLAUDIO DA ROSA
Orientador	UBIRATÃ KICKHOFEL ALVES

‘Casa’ ou ‘caça’? Efeitos da duração do vozeamento da fricativa na percepção de pares mínimos do Português Brasileiro produzidos por hispânicos

Autor: Leonardo Cláudio da Rosa (UFRGS)

Orientador: Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS)

De acordo com uma visão tradicional de Fonologia, a distinção entre pares mínimos tais como ‘caça’ e ‘casa’, no Português Brasileiro, deve-se ao valor positivo ou negativo do traço [voz], de modo que o segundo membro do par seja produzido com, e o primeiro sem vibração das pregas vocais. Tal fato tem sido apontado pela literatura (AKERBERG, 2004; SOBRAL; NOBRE; FREITAS, 2006; SILVEIRA; SOUZA, 2011; OLIVEIRA, 2016) como um fator de dificuldades para o aprendiz hispânico, cuja língua nativa, de acordo com a literatura da área (BRISOLARA; SEMINO, 2014), não apresenta distinção de sonoridade nas fricativas.

A observação acústica dos dados demonstra que o processo de aquisição desse tipo de par mínimo consiste em uma aprendizagem gradual do gesto de vibração das cordas vocais, de modo que a porção vozeada da fricativa acabe sendo cada vez maior à medida em que o aprendiz cresce em termos de proficiência. Tal fato fonético-fonológico pode ser entendido a partir de uma concepção dinâmica de desenvolvimento de segunda língua (SILVA, 2014; ALVES, 2018), de acordo com a qual a tarefa do aprendiz é aprender a temporalidade do vozeamento referente à fricativa. Em outras palavras, é preciso aprender a orquestrar a temporalidade (ZIMMER; ALVES, 2010; KUPSKE; ALVES, 2017), explicável através de modelos de tempo intrínseco da Fonologia, tal como a Fonologia Acústico-Articulatória (ALBANO, 2001).

Dado que o vozeamento não é uma questão de “tudo ou nada”, questionamentos a respeito de uma possível zona limiar perceptual entre as categorias funcionais de ‘surdo’-‘sonoro’ fazem-se pertinentes. O presente trabalho, dessa forma, visa a verificar os efeitos do grau de vozeamento da fricativa produzida por falantes hispânicos para o estabelecimento da distinção entre as categorias ‘surdo’ e ‘sonoro’ por ouvintes brasileiros.

Da posse de dados de seis falantes hispânicos (variedades Latino-Americanas de Espanhol), que se encontravam residindo no Brasil (cidade de Rio Grande-RS) há aproximadamente dois meses, criamos um teste de identificação com estímulos manipulados. A manipulação se deu de maneira a controlar pistas acústicas que pudessem interferir na percepção de vozeamento, tais como duração da vogal anterior à fricativa, duração total da fricativa e duração do vozeamento da fricativa. Assim, a partir de dados desvozeados, manipulamos as ondas acústicas de produções como ‘ca[s]a’, a fim de obtermos produções com 25, 50, 75 e 100% de vozeamento da consoante focalizada. Estando a duração da vogal precedente e a duração da fricativa controladas, fez-se possível, assim, analisar o papel da duração do vozeamento - aqui variada artificialmente. Da posse dos estímulos manipulados, elaboramos uma tarefa de identificação no software TP (RAUBER *et al.*, 2013), a partir do qual os falantes nativos do PB deveriam indicar se a fricativa ouvida corresponderia à categoria de /s/ ou /z/. Participaram da tarefa 35 estudantes do Curso de Letras da UFRGS, falantes nativos do PB, sem experiência com o Espanhol.

Os resultados apontam como possível zona limiar perceptual o índice de 50% vozeamento na fricativa, uma vez que os estímulos deste percentual de manipulação já apresentam uma maioria de identificações positivas para a categoria /z/. O índice de 25% de vozeamento na fricativa, por sua vez, apresenta resultados irregulares, com uma variação aparentemente idiossincrática no índice de identificações positivas para a mesma categoria.

Assim, confirmamos a hipótese da literatura (ZIMMER; ALVES, 2010): o vozeamento não precisa ser pleno para que o segmento seja categorizado como sonoro. Acreditamos que estes resultados servem de insumo para discussões de inteligibilidade local (segundo a perspectiva de MUNRO & DERWING, 2015) e de percepção em L2. Consideramos, também, que servem de ponto de partida para discussões sobre as prioridades no ensino de pronúncia de português como língua adicional, pois demonstram que a distinção de palavras tais como ‘caça’ e ‘casa’ não necessitam de um vozeamento pleno ao longo da fricativa do segundo membro do par mínimo.